

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

QUEM SOU EU? A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE MEMÓRIA PARA O ESPORTE UNIVERSITÁRIO PAULISTA

Ms. Harian Pires Braga¹

I- Introdução

Quando se fala em esporte universitário, é bem possível que a imagem inicial seja da prática estadunidense. Ora, evidente essa relação pela força simbólica que o esporte dos EUA possui no mundo, atuando, em muitos casos, como um *soft power*. Dentro dessa estrutura esportiva, as competições universitárias (*College*) são decisivas na formação, no aperfeiçoamento e na manutenção de atletas no alto rendimento. A esse peso discursivo, de uma prática que gera ganhos financeiros e mobiliza público, o peso cultural é evidente, com produções audiovisuais sobre o esporte universitário sendo exportadas para todo o planeta. Por mais que sua suntuosidade espante, qualquer forma de paralelismo entre o modelo estadunidense e o brasileiro é comparar itens muito distintos. A própria estrutura esportiva dos dois países é muito distinta: lá, ligas autônomas descentralizadas e um apoio indireto do Estado; aqui o Estado como grande regulamentador e financiado do esporte, numa estrutura federativa centralizada.

Precisamos, para iniciar a discussão, ter essa diferença estrutural em mente para que a discussão sobre a memória do esporte universitário possa ocorrer. Do contrário, vislumbrando o modelo estadunidense como meta a ser alcançada, o navegante irá soçobrar ainda em águas rasas. A contextualização do esporte universitário no Brasil é o desenho de uma complexa malha de relações, de um ensino superior que é igualmente complexo e múltiplo. Suas tensões e disputas por poder e por domínio dentro do campo esportivo incidem sobre a memória, já que o controle da narrativa histórica permite, a idealização de grandes representações. Em outras palavras, o que afirmo, é que dentro da organização esportiva universitária no Brasil convivem objetivos e instituições totalmente diferentes, que mesmo fazendo parte do mesmo guarda-chuva, pouco se conversam e, internamente, responde a demandas diárias que inviabilizam uma conservação histórica:

¹ Universidade Estadual de Campinas, e-mail: harian.braga@gmail.com.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o recorde, fator preponderante do esporte moderno, não existe da mesma forma para todos/as os agentes.

Tomo dois exemplos que podem nos ajudar a pensar essa organização e sua relação com a memória. Em seu nível mais básico, o esporte universitário é formado por Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) – há variações de nomenclatura, mas a função social é a mesma – que são representadas por um ou mais cursos e são dirigidas diretamente por estudantes. As pessoas que participam dessa entidade, o fazem por livre escolha, ou seja, não recebem para participar; seu vínculo é fragilizado, quando muito registrados em atas de posse, entregues a cartórios e constantemente esquecidas, gerando vazios de legalidade. Sendo amadora, no duplo sentido da palavra, como oposto a uma organização sistematizada e guiada por um sentimento de “amar”, as AAAs têm grande legitimidade, mas nem sempre a mesma legalidade. Seus registros se perdem porque a vida de uma pessoa na gestão é curta, é uma fração de sua formação no Ensino Superior e, via de regra, longe de ser a atuação principal. Assim, acabam sendo espaços onde a perda de documentação e a descontinuidade marcam o caminho. Não julgo como um pecado capital, mas é de fato, um modo de existir que a importância pela conservação histórica não é central e as memórias ficam individualizadas e restritas a ex-membros/as; raramente é algo que se torna público.

O segundo exemplo são as Instituições de Ensino Superior (IES) que administram diretamente o esporte e que guardam, consigo, alguma sistematização que tangencia a uma gestão profissional do esporte universitário. Friso o tangencio, pois nem sempre essa fração da IES é composta por profissionais de formação ou de vivência na gestão esportiva. Mas o ponto aqui não é quem faz a gestão, mas como a organização da gestão faz – ou não – a relação com a memória. Assim, o ponto fundamental nesse tipo de organização é fazer como que as demandas imediatas burocráticas e esportivas sejam efetivadas. Noutras palavras, dentro das demandas, essa construção de uma memória e até mesmo um patrimônio histórico, é secundária. Mais ainda, como falar em conservação do patrimônio histórico do esporte universitário, na medida que muitas IES sequer possuem departamentos para guarda e conservação ampla de seus documentos? Também aqui, as limitações já notórias.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os dois exemplos não desqualificam o esporte universitário como tema para estudos nas Humanidades, especialmente na História. Se quem produz a documentação não a registra ou conserva como deveria, precisamos ampliar as fontes, fazendo uso de uma cultura material, muitas vezes expressa por medalhas, placas e troféus, mas também por uma história oral rica e ainda pouco debatida. Jornais de grande circulação registraram, pelo menos até os anos 1970, eventos do esporte universitário em suas sessões esportivas, na qual destaco o jornal paulistano *A Gazeta Esportiva*, publicado desde 1928 como semanário do periódico *A Gazeta* e diário entre 1947 e 2001. A Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas possui todos os exemplares físicos em seu acervo e disponível para consulta. Mas também nas seções esportivas dos jornais do Grupo *Folha da Manhã* e *O Estado de São Paulo* percebemos notícias constantes.

Aqui, talvez, tenhamos um tema de pesquisa muito promissor: pensar porque atualmente o esporte universitário – e mesmo o esporte local – deixou de estar presente em jornais de grande circulação. Lembrando que com o advento e a popularização das Redes Sociais, há uma potencialidade maior de fontes, variadas e com a possibilidade de registrar, com dinamismo os processos históricos em curso no esporte universitário, desde calendário e resultados de competição, até mesmo construções simbólicas como cores, hinos, mascotes e textos que identifica e propõe identificação para a comunidade que representam

Este início é importante para estabelecermos a especificidade da organização do esporte universitário para distanciar de uma concepção equivocada de equivalência com o que é praticado nos EUA. A compreensão de que há diferentes formas de organização somado a um processo de tensão sobre a memória, nos leva a compreender como ações nessa área são, de início, incipientes e um território a ser investigado. Neste trabalho, reflito algumas das ações tomadas no âmbito da Federação Universitária Paulista de Esporte (FUPE), como ineditismo de criar uma diretoria de Patrimônio Histórico e Memórias. Os caminhos e as tensões deste caso são parte da discussão, que se insere dentro do contexto de meu trabalho de doutoramento, analisando a criação de identidades no esporte universitário paulista.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências

BLOCH, Marc. *O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** IN: _____ *Questões de Sociologia*, Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRAGA, Harian Pires. A doce recordação do que não vivi: a formação da identidade nacional no futebol (1938-1950), 2015, 180f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

BROHM, Jean Marie, *20 Tesis sobre el deporte*. IN: Brohm, J.M. et al (ORG). *Materiales de sociología del deporte*, pp. 47-55. La Piqueta. Madrid, 2ª Edição, 1993.

CHARTIER, Roger, “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, n.16, 1995.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

STAREPRAVO, Fernando Augusto ; REIS, Leoncio Jose de Almeida ; MEZZADRI, Fernando Marinho ; MARCHI JR., Wanderley . O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade* , v. 14, p. 1-23, 2010.

STAREPRAVO, Fernando Augusto ; REIS, Leoncio José de Almeida ; MEZZADRI, Fernando Marinho ; MARCHI JR., Wanderley . Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** , v. 31, p. 131-148, 2010.

TOLEDO, Roberto. *Gestão do esporte universitário: uma importante estratégia de marketing para as universidades*. São Paulo: Aleph, 2006.

TOMAZ Tadeu SILVA (org). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.